

Uma análise comparativa do manuscrito original de Carolina Maria de Jesus e a edição publicada de 'O Quarto de Despejo'.

Aysha Sophie Ferreira Lima Santos¹
Bianca da Paz dos Santos²
Emilly Muniz dos Anjos³
Eliz Souto de Queiroz⁴
Thalia Albuquerque Bastos da Silva⁵
Dra. Adna Evangelista Couto dos Santos⁶

Resumo

Este artigo foi elaborado no intuito de fazer uma análise comparativa entre o manuscrito original de "O Quarto de Despejo", escrito por Carolina Maria de Jesus, e a edição publicada do livro em 1960. Através de uma abordagem crítica e interdisciplinar, buscou-se identificar as alterações e manipulações realizadas pelos editores do livro, que podem ter comprometido a autenticidade e a integridade da narrativa original de Carolina.

Palavras-chave: Manuscrito. Original. Autenticação. Edição.

Abstract

This article aims to perform a comparative analysis between the original manuscript of "O Quarto de Despejo", written by Carolina Maria de Jesus, and the edition published in 1960. Through a critical and interdisciplinary approach, we seek to identify the changes and manipulations made by the book's editors, which may have compromised the innovations and integrity of Carolina's original narrative.

Keywords: Manuscript. Original. Authentication. Edition.

1 INTRODUÇÃO

Em todos os períodos da história, as sociedades sempre buscaram se desenvolver através da cultura, da arte, da economia e também da escrita. Desde as manifestações mais primitivas, que eram chamadas de pictografias ou imagens simbólicas, até os mais

¹ Discente do 3º ano A, no Colégio Adventista UNIAENE.

² Discente do 3º ano A, no Colégio Adventista UNIAENE.

³ Discente do 3º ano A, no Colégio Adventista UNIAENE.

⁴ Discente do 3º ano A, no Colégio Adventista UNIAENE.

⁵ Discente do 3º ano A, no Colégio Adventista UNIAENE.

⁶ Docente do Colégio Adventista UNIAENE (Orientadora).

complexos textos na era digital, a produção escrita torna-se um dos referenciais de desenvolvimento social (SANTOS, 2018).

Este artigo objetiva avaliar a produção da obra “Quarto de despejo: o diário de uma favelada” por intermédio do uso da filologia para melhor análise dos textos, que foram escritos por Carolina Maria de Jesus e posteriormente editado e publicado pelo jornalista Audálio Dantas. Nesse sentido, Queiroz (2008, p. 3) afirma que “Todas as ações do homem estão postas no papel: sua literatura, sua ciência, seu direito, sua religião, etc. Tudo isso se constitui em artefatos da escrita. O homem, suas ideias e seu mundo são vistos através desses artefatos”. Assim, Carolina Maria de Jesus discorre em seu diário, sua rotina sofrida, com o intuito de desabafar, ela fala de seu dia a dia para que no futuro seus relatos sejam publicados pelo jornalista. Após a publicação foram feitas algumas alterações na escrita, desde acentos ortográficos até frases com diferentes sentidos nos dois fragmentos. Desse modo, neste artigo, foi possível identificar algumas passagens que possuem diferenças gramaticais e ortográficas da obra, garantindo uma análise profunda de cada excerto escolhido.

Sendo assim, esse documento foi elaborado por meio de uma comparação entre o manuscrito original do livro “Quarto de despejo” e a versão publicada que foi modificada pelos editores. Ademais, utilizou-se fotografias dos diários produzidos por Carolina, como fonte de principal análise, as quais foram transcritas fielmente. Tomando como base a perspectiva dos estudos filológicos, comparamos os textos para que, dessa forma, haja maior compreensão dos cenários vividos pela autora.

Além disso, o trabalho apresentará ao longo do seu desenvolvimento a vida da autora Best-Seller da década de 60, apresentando sua gênese e motivações para escrever, que estavam amplamente ligadas à sua vivência na favela, desde a sua necessidade de documentar as injustiças do lugar em que morava, até o controle de suas emoções diante das fatalidades e violências que a rodeavam. Em uma de suas diversas obras, ela discorre sobre a importância da leitura e como isso muda a perspectiva das pessoas. “Bendita as horas que passei lendo. Cheguei a conclusão que é o pobre quem deve ler. Porque o livro, é a bússola que há de orientar o homem no porvir” (JESUS, C. M. de. Meu estranho diário. 1996. p. 167). Além dos contextos do manuscrito e da versão publicada de Audálio Dantas, também retirou-se trechos do manuscrito e comparou-se com a editada de 1960. A fim de verificar se houve alguma alteração discrepante e prejudicial ao sentido do livro.

A análise dos movimentos genéticos irá revelar as diversas alterações do original e identificar as mudanças que ocorreram no livro de Maria Carolina de Jesus.

Maria Carolina de Jesus, nasceu em Minas Gerais, no dia 14 março de 1914. A mineira foi uma mulher que trouxe um amplo conhecimento de como é o dia a dia de um “favelado” e os desafios enfrentados por ele. Na obra, *Quarto de despejo: o diário de uma favelada*, publicada em 1960, é retratada a fome, como um problema cotidiano que assola fortemente a população carente no Brasil. Ademais, caracteriza a pobreza e a violência na comunidade e como ambas afetam as pessoas inseridas nessa realidade. Sob essa ótica, um viés crítico para o governo regente do país (Brasil), o qual o poder Executivo em vigor era exercido pelo presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira.

De acordo com a pesquisadora Christiane Vieira Soares Toledo, a escritora “levantou algumas bandeiras em prol das minorias, e isso se faz presente em seu texto”, pois em seu cotidiano ela revela situações onde o ser “favelado” implica diretamente na falta de visibilidade às comunidades mais necessitadas. Sobretudo, a personagem principal apresenta sua cosmovisão sobre o racismo, de maneira que todos ao seu redor são afetados por essa problemática que há muito tempo está em vigor no Brasil e, principalmente nas áreas mais marginalizadas como as periferias.

Assim, esse artigo foi construído a partir dos estudos desenvolvidos no Grupo de Pesquisa em Linguagens, Humanidades e Religião, que pertence ao Colégio UNIAENE e, se insere na linha 1 práticas filológicas, mídias, linguagens e tradução. Ademais, o intuito desse artigo é propor uma análise feita por diferentes editores que procuram ter uma visão ampla a respeito de Carolina Maria de Jesus, e de sua obra literária, e acabam mitigando alguns trechos importantes para a sua narrativa biográfica. Seu livro traz temas como racismo, pobreza e política que são temas contemporâneos e que infelizmente ainda estão presentes no país.

2 MARIA CAROLINA DE JESUS: SUA OBRA, SUA HISTÓRIA

Para que se tenha um entendimento mais aprofundado do processo criativo de um escritor, é necessário conhecer sua história, suas raízes e suas vivências. Esses fatores são

fundamentais para compreender como foram construídas suas obras e sua carreira profissional (SANTOS, 2018).

Sob essa perspectiva, Carolina Maria de Jesus (1914-1977) foi uma das primeiras autoras negras da literatura brasileira, em especial pelo seu best-seller "Quarto de Despejo", obra que trouxe ao público a triste realidade das favelas, que ainda não havia sido explorada até aquele momento. Além de escritora, Carolina também compôs e interpretou suas próprias músicas e escreveu poemas relacionados à luta contra o racismo, a miséria, a desigualdade social e a resistência.

Nascida em Sacramento, interior de Minas Gerais, no dia 14 de março de 1914, Carolina era filha de Maria Carolina de Jesus, uma lavadeira analfabeta, e neta de escravos. Cresceu em meio à pobreza junto aos seus sete irmãos, sendo a única filha mulher. Ainda jovem, a Sra. Maria Leite Monteiro de Barros, que era esposa de um fazendeiro rico da região e freguesa de sua mãe, a incentivou e ajudou-a a frequentar uma escola. Aos sete anos, Carolina ingressou no Colégio Alan Kardec, onde concluiu a primeira e segunda série do ensino fundamental. Apesar do pouco tempo de estudo, ela desenvolveu muito apreço pela leitura e escrita, que foi ainda mais afluído pelo seu avô Benedicto José da Silva, que a alfabetizou. Ele costumava sentar-se na praça aos domingos, lendo jornais às pessoas negras de Sacramento, em um período marcado pelo analfabetismo estrutural nas décadas posteriores à abolição da escravidão.

Entretanto, teve que abandonar a escola, pois sua mãe não conseguia mais manter a si e aos seus filhos na cidade e resolveu se mudar para Lageado em 1924, onde a família trabalhou como lavradores em uma fazenda. Três anos depois, precisaram ir morar em Franca, São Paulo, onde Carolina trabalhou como lavradora e empregada doméstica. Em 1928 Carolina e a família deixam Franca e retornam para Sacramento.

No ano de 1933, Carolina vivenciou um episódio de injustiça. Foi presa em Sacramento, e sua mãe a acompanhou na prisão. Isso aconteceu porque Carolina foi vista lendo um livro bem grande, que na verdade era um dicionário. Os soldados, analfabetos como a maioria das pessoas da cidade, achavam erroneamente que ela estava lendo um manual de feitiçarias. As duas passaram alguns dias na cadeia e foram chicoteadas. Depois de serem liberadas, elas voltaram para Franca, em São Paulo.

Em 1937, sua mãe faleceu, então decidiu ir para a capital, empregando-se como faxineira na Santa Casa de Franca. Anos depois, em 1948, se mudou para a favela de

Canindé, onde deu à luz aos seus três filhos - João José de Jesus, José Carlos de Jesus e Vera Eunice de Jesus Lima - todos frutos de relacionamentos diferentes. Para Carolina, a maternidade foi solitária, pois não havia nenhum vínculo familiar em São Paulo ou apoio dos progenitores. Para sobreviver, virou catadora de papel.

No dia 15 de julho de 1955, aproveitando papéis que recolhia nas ruas, começou a registrar em seu diário o cotidiano e os desafios vividos na favela. Eventualmente, seus poemas eram publicados em jornais, mas foi ao conhecer o jornalista Audálio Dantas que alguns textos de seu diário começaram a ser divulgados em revistas e outros veículos. Pouco tempo depois, em 1960, ocorreu a publicação de seu livro *"Quarto de despejo: diário de uma favelada"*, vendendo na noite de autógrafos cerca de 600 exemplares. Sendo um sucesso, Carolina Maria de Jesus deixa a favela e compra uma casa no Alto de Santana, recebendo também homenagens da Academia Paulista de Letras e da Academia de Letras da Faculdade de Direito de São Paulo. Com o sucesso de seu livro, também gravou um disco com suas próprias composições, levando o mesmo título da obra literária.

Avançando para o ano de 1961, a autora viaja para a Argentina e é agraciada com a "Orden Caballero Del Tornillo". Nos anos seguintes publica mais livros, sendo eles: *"Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada"* (1961), *"Pedaços da fome"* (1963) e *"Provérbios"* (1965). Apesar de seu grande sucesso inicial, Carolina Maria de Jesus não foi valorizada adequadamente com tal acontecimento, já que seus livros subsequentes não tiveram a mesma repercussão.

Desta forma, em 1969, Carolina se muda com seus filhos para um sítio no bairro de Parelheiros, na cidade de São Paulo, sendo jogada no esquecimento pelo mercado editorial. Tinha tão pouco dinheiro que, como fazia na favela do Canindé, ela e seus filhos catavam papéis e garrafas para vender. Usava parte do dinheiro para pequenos luxos, como refrigerantes e bilhetes de cinema, e ocasionalmente vendia abacates, bananas e mandiocas que cultivava.

Em 13 de fevereiro de 1977, aos 62 anos, Carolina Maria de Jesus faleceu em um pequeno sítio na cidade de São Paulo devido a uma crise asmática, quase esquecida pelo público e pela imprensa. Os livros publicados depois de *"Quarto de Despejo"* não alcançaram o mesmo sucesso. O descaso fez com que a autora fosse preterida pelo cânone literário. Ainda assim, Carolina deixou seu diário como prova de sua árdua trajetória. Só após a sua morte foi homenageada pelo Conselho Universitário da Universidade Federal

do Rio de Janeiro que concedeu à autora o título de Doutora Honoris Causa in Memoriam, sendo reconhecida hoje como pioneira na representação das vozes na “favela”.

Assim, seus escritos agora são objetos de artigos, dissertações e teses, em função da abertura propiciada pelos novos rumos tomados nos estudos literários no Brasil e no exterior, que passaram a ver com outros olhos a chamada “escrita do eu”, mudando o mundo literário. Carolina Maria de Jesus, mesmo em meio ao esquecimento, deixou um legado imortal que ecoa como a voz da resistência até a contemporaneidade.

3 CONTEXTO HISTÓRICO DOS TEXTOS

3.1 VERSÃO ORIGINAL DE QUARTO DE DESPEJO DE CAROLINA MARIA DE JESUS.

A primeira versão do livro “*Quarto de despejo*” foi escrita por volta da década de 50, por Carolina Maria de Jesus, uma moradora da Favela do Canindé em São Paulo. Sua versão revisada foi posteriormente publicada em 1960, período em que o governo vigente era o de Juscelino Kubitschek, época em que mesmo a população sofrendo com a fome e extrema pobreza, o Brasil vivenciava o sonho da modernidade através da inauguração de Brasília, que prometia trazer mais empregos, indústrias e riquezas ao país.

Neste período, a cidade de São Paulo começou a experimentar um intenso crescimento urbano e industrial, se tornando assim o principal centro econômico do Brasil, o que, por consequência, começou a atrair migrantes de diversas partes do país que buscavam novas oportunidades de melhorias para suas vidas. Contudo, apesar de todo avanço econômico, o crescimento das favelas nas periferias da cidade começaram a evidenciar a exclusão de uma parte considerável da população que não tinham acesso aos benefícios, outrora gerados pelo desenvolvimento econômico.

Diante disso, sua escrita é bastante influenciada por sua maneira de reagir com seu entorno. O meio externo no seu manuscrito; algo que o professor Bruno Fregni Bassetto (USP) descreve em seu artigo Conceito da Filologia. “[...] por ser a palavra escrita bem mais acessível por seu caráter permanente, ainda que restrita a um grupo mais reduzido, o termo “filólogo” passou a designar, em especial, os que liam e escreviam. Com isso modificou-se, em parte, o significado inicial do termo, de “aquele que gosta de falar ou de aprender, ouvindo” (BASSETTO, 2025, *online*) Isto é, notável na sua escrita coloquial, apresentando fatos falados e ouvidos no seu cotidiano.

Logo, todo o seu processo de escrita é em sua maioria uma participação de fatores sensoriais e das poucas palavras que existiam em seu vocabulário limitado. Para Fazenda (1997, p. 16), essa dificuldade em escrever, consequência da “[...] dificuldade em ler, interpretar e compreender, advém de uma formação inadequada na escola de 1º e 2º graus”. Em outras palavras, a dificuldade de escrever indica que a instituição escolar não tem apresentado meios e mecanismos para desenvolver a escrita em seus alunos. Dado esse que relaciona-se diretamente com a menoridade de Carolina Maria de Jesus.

3.2 VERSÃO PUBLICADA (REVISADA) POR AUDÁLIO DANTAS

Em 1960, o jornalista e escritor Audálio Dantas publicou a versão editada do diário de Carolina Maria de Jesus, intitulado "*Quarto de Despejo*". A publicação do livro foi um marco importante na literatura brasileira, pois revelou a realidade vivenciada pelas populações faveladas no Brasil e desafiou as narrativas hegemônicas sobre a pobreza e a marginalização.

No entanto, a versão publicada por Audálio Dantas foi objeto de controvérsia, pois muitos críticos literários e estudiosos argumentaram que o editor havia realizado alterações significativas no texto original de Carolina Maria de Jesus. Essas alterações incluíam a supressão de passagens consideradas "indevidas" ou "polêmicas", bem como a reorganização do texto para torná-lo mais "literário" e "comercialmente viável".

A publicação de "*Quarto de Despejo*" também foi marcada por uma grande polêmica em torno da autenticidade da obra. Muitos questionaram se o livro era realmente um diário autobiográfico de Carolina Maria de Jesus, ou se era uma criação literária de Audálio Dantas. Essa polêmica foi alimentada pela falta de transparência em torno do processo de edição e pela ausência de um manuscrito original que pudesse ser comparado com a versão publicada.

Apesar dessas controvérsias, "*Quarto de Despejo*" se tornou um best-seller no Brasil e foi traduzido para vários idiomas. O livro também foi adaptado para o cinema e para a televisão, tornando-se um ícone da cultura popular brasileira. No entanto, a questão da autenticidade e da integridade do texto original continua a ser um tema de debate entre os estudiosos e críticos literários.

4 TRANSCRIÇÃO E DESCRIÇÃO DAS VERSÕES DO MANUSCRITO E EDITORES

Versão Original	Versão Publicada (revisada)
-----------------	-----------------------------

15 de julho 1955

Aniverssario de minha filha Vera Eunice. Eu, pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas, o custo das generos alimentícios nos impede a realização dos nossos desêjos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo lavei e remendei, para ela calçar.

Eu não tinha um tustão para comprar pão. Então eu lavei 3 litros e troquei com o Arnaldo ele ficou com os litros, e deu-me pão. Fui receber o dinheiro do papel. Recebi 65 cruzeiros. Comprei 20 de carne 1 quilo de toucinho e um quilo de açúcar e 6 cruzeiros de quêijo... Dinheiro acabou-se.

passsei o dia indisposta. percebi que estava resfriada. A nôite o pêito dia-me. Comecei tussir. Ressolvi não sair a nôite para catar papel. Procurei meu filho João José. Ele estava na rua Felisberto de Carvalho, perto do mercadinho.

5 de Dezembro De 1958

A Léila contou-me que a filha da Dona Doca esta prêsa. porque o seu espôso lhe pegou em adultério com um baiano que tem 2 dentes de ouro.

8 de Dezembro de 1958

De manhã o padre véio dizer a missa. Hontem ele véio com o carro capela e disse aos favelados que êles precisam ter filhos - penso: porque ha de ser o pobre quem ha de ter filhos. -se filhos tem que ser opérario.

11 de Dezembro de 1958

Comecei queixar para a Dona Maria das Coéilhas que o que o que eu ganho não dá para tratar os filhos como se deve.

Eles não tem roupas, nem o que calçar. E eu não paro um minuto. Cato tudo que se pode vender. e a misseria continua firme ao meu lado.

Ela disse-me que já esta com nôjo da vida. Que não vê a hora de morrer. Ouvi seus lamentos em silêncio e disse-lhe:

Nos já estamós predestinados a morreremos de, fome!

18 de Dezembro de 1958

Vendo me escrevendo . Perguntou me : dona Carolina , eu estou neste livro
- Dêxa eu ver !

15 DE JULHO

Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos generos alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar.

Eu não tinha um tostão para comprar pão. Então eu lavei 3 litros e troquei com o Arnaldo. Ele ficou com os litros e deu-me pão. Fui receber o dinheiro do papel. Recebi 65 cruzeiros. Comprei 20 de carne, 1 quilo de toucinho e 1 quilo de açúcar e seis cruzeiros de queijo. E o dinheiro acabou-se.

Passsei o dia indisposta. Percebi que estava resfriada. A noite o peito doia-me. Comecei tussir. Resolvi não sair a noite para catar papel. Procurei meu filho João José. Ele estava na rua Felisberto de Carvalho, perto do mercadinho.

5 DE DEZEMBRO

...A Leila contou-me que a filha da Dona D. está presa, porque o seu esposo the pegou em adultério com um baiano que tem dois dentes de ouro.

8 DE DEZEMBRO

... De manhã o padre veio dizer missa. Ontem ele veio com o carro capela e disse aos favelados que eles precisam ter filhos. Penso: porque há de ser o pobre quem há de ter filhos - se filhos de pobre tem que ser operário?

11 DE DEZEMBRO

...Comecei queixar para a Dona Maria das Coelhas que o que eu ganho não dá para tratar os meus filhos. Eles não tem roupas nem o que calçar. E eu não paro um minuto. Cato tudo que se pode vender e a miséria continua firme ao meu lado.

Ela disse-me que já está com nojo da vida. Ouvi seus lamentos em silêncio. E disse-lhe: Nós já estamos predestinados a morrer de fome!

18 DE DEZEMBRO

...Eu estava escrevendo. Ela perguntou-me:
-Dona Carolina, eu estou neste livro? Deixa eu ver!

-Não. Quem vai ler isto é o senhor Audálio Dantas, que vai publicá-lo.

- Não. Quem vai ler isto, é o senhor Audálio Dantas . Que vai publica-lo - E porque é que estou nisto? Você está aqui, porque naquêlê dia que o Armim brigou com você e começou a bater-te, você saiu correndo nua para a rua . E as crianças começaram a rir e perguntavam porque é que a bunda das mulheres tem cabelos? Ela não gostou e disse-me: -o que é, que a senhora ganha com isto? 19 de Dezembro 1958 Amanheci com dór de barriga e vomitando. Doente. E sem ter nada para comer. Eu mandei o João ir no ferro velho vender um pouco de estôpa e uns ferrós. Ele ganhou 23. Percebi havia melhorado. Sentei na cama e comecei a catar as pulgas. As ideias da morte já ia afastando-se. E eu comecei a fazer planos para o futuro	-E porque é que eu estou nisto? -Você está aqui por que naquele dia que o Armim brigou com você e começou a bater-te, você saiu correndo nua para a rua Ela não gostou e disse-me: -O que é que a senhora ganha com isto? 19 DE DEZEMBRO Amanheci com dor de barriga e vomitando. Doente e sem ter nada para comer. Eu mandei o João no ferro velho vender um pouco de estopa e uns ferros. Ele ganhou 23 cruzeiros. Não dava nem para fazer uma sopa. (...) Que suplicio adoecer aqui na favela! Pensei: hoje é o meu ultimo dia em cima da terra. ...Percebi que havia melhorado. Sentei na cama e comecei catar pulgas. A idéia da morte já ia se afastando. E eu comecei a fazer planos para o futuro.
---	--

5 ANÁLISE DOS MOVIMENTOS GENÉTICOS

Quarto de Despejo	
Versão Original	Versão Publicada (revisada)
15 de julho 1955 Aniverssario de minha filha Vera Eunice. Eu, pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas, o custo das generos alimentícios nos impede a realização dos nossos desêjos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo lavei e remendei, para ela calçar. Eu não tinha um tustão para comprar pão. Então eu lavei 3 litros e troquei com o Arnaldo ele ficou com os litros, e deu-me pão. Fui receber o dinheiro do papel. Recebi 65 cruzeiros. Comprei 20 de carne 1 quilo de toucinho e um quilo de açúcar e 6 cruzeiros de quêijo... Dinheiro acabou-se. passei o dia indisposta. percebi que estava resfriada. A nôite o pêito dia-me. Comecei tussir. Ressolvi não sair a nôite para catar papel. Procurei meu filho João José. Ele estava na rua Felisberto de carvalho. perto do mercadinho.	15 DE JULHO DE 1955 Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos generos alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar. Eu não tinha um tostão para comprar pão. Então eu lavei 3 litros e troquei com o Arnaldo. Ele ficou com os litros e deu-me pão. Fui receber o dinheiro do papel. Recebi 65 cruzeiros. Comprei 20 de carne, 1 quilo de toucinho e 1 quilo de açúcar e seis cruzeiros de queijo. E o dinheiro acabou-se. Passei o dia indisposta. Percebi que estava resfriada. A noite o peito doia-me. Comecei tussir. Resolvi não sair a noite para catar papel. Procurei meu filho João José. Ele estava na rua Felisberto de Carvalho, perto do mercadinho.

Desde o início, é possível notar a série de acentuações equivocadas que a autora coloca em seu texto por conta da sua baixa escolaridade. Como por exemplo, as palavras “Desêjos”, “Tussir”, “Nôite”, etc. Essas que não foram preservadas em seu material publicado. “Mexi, também, na pontuação, assim como em algumas palavras cuja grafia poderia levar à incompreensão da leitura. “E foi só, até a última linha.” (Audálio Dantas, 1993). Assim diz o jornalista que “mexeu” no livro *Quarto de Despejo*. É destacável também, a maneira como os editores tiveram o cuidado de organizar os manuscritos de Carolina Maria de Jesus por parágrafos. Já que na sua versão original, ela percorre uma escrita corrida, com pontuações desnecessárias ou muitas vezes esquecidas.

Versão Original	Versão Publicada (revisada)
5 de Dezembro De 1958 A Léila contou-me que a filha da Dona Doca esta prêsa. porque o seu espôso lhe pegou em adultério com um baiano que tem 2 dentes de ouro.	5 DE DEZEMBRO ...A Leila contou-me que a filha da Dona D. está presa, porque o seu esposo the pegou em adultério com um baiano que tem dois dentes de ouro.

Na versão original, percebe-se novamente as acentuações, “Léila”, “Prêsa” e “Espôso”, porém, como o próprio Audálio Dantas diz ele apenas modificou as pontuações a fim de uma melhor compreensão do texto. E é de maneira satisfatória que o seu sentido não tenha se perdido na sua versão final.

Quarto de Despejo	
Versão Original	Versão Publicada (revisada)
8 de Dezembro de 1958 De manhã o padre véio dizer a missa. Hontem ele véio com o carro capela e disse aos favelados que êles precisam ter filhos - penso: porque ha de ser o pobre quem ha de ter filhos. -se filhos tem que ser opérario.	8 DE DEZEMBRO ... De manhã o padre veio dizer missa. Ontem ele veio com o carro capela e disse aos favelados que eles precisam ter filhos. Penso: porque há de ser o pobre quem há de ter filhos - se filhos de pobre tem que ser operário?

À primeira vista, não é tão perceptível muita diferença entre as escritas. Todavia, a acentuação equivocada da palavra “véio” aborda um diferente sentido da palavra, trazendo um pouco de confusão no sentido da frase, mas nada que torne ilegível a versão original.

Quarto de Despejo	
Versão original	Versão Publicada (revisada)
11 de Dezembro de 1958 Comecei queixar para a Dona Maria das Coéllhas que o que o que eu ganho não dá para tratar os filhos como se deve. Eles não tem roupas, nem o que calçar. E eu não paro um minuto. Cato tudo que se pode vender. e a miséria continua firme ao meu lado. Ela disse-me que já esta com nôjo da vida. Que não vê a hora de morrer. Ouvi seus lamentos em silêncio e disse-lhe: Nos já estamos predestinados a morreremos de, fome!	11 DE DEZEMBRO ...Comecei queixar para a Dona Maria das Coelhas que o que eu ganho não dá para tratar os meus filhos. Eles não tem roupas nem o que calçar. E eu não paro um minuto. Cato tudo que se pode vender e a miséria continua firme ao meu lado. Ela disse-me que já está com nojo da vida. Ouvi seus lamentos em silêncio. E disse-lhe: Nós já estamos predestinados a morrer de fome!

Nesse trecho, há uma alteração significativa na Versão Publicada onde ele retira o “Que não vê a hora de morrer” onde não se perde o sentido do texto, porém implica numa ignorância dos editores de retirar uma passagem autodestrutiva que demonstra de maneira dolorosa a realidade não só da Carolina de Jesus, mas, sim das pessoas que viviam em seu entorno. Ademais, pode-se citar também os momentos que a escritora tenta dar enfoque como na parte final do “Nós já estamos predestinados a morreremos de, fome!”, onde ela utiliza a vírgula para ressaltar a palavra.

Quarto de Despejo	
Versão Original	Versão Publicada (revisada)
18 de Dezembro de 1958 Venda me escrevendo. Perguntou me: dona Carolina , eu estou neste livro? - Dêxa eu ver ! - Não. Quem vai ler isto, é o senhor Audálio Dantas . Que vai publica-lo. - E pórque é que estou nisto? Você está aqui, porque naquêlê dia que o Armim brigou com você e começou a bater-te você saiu correndo nua para a rua. E as crianças começaram a rir e perguntavam porque é que a bunda das mulheres tem cabêlos? Ela não gostou e disse-me: O que é, que a senhora ganha com isto ?	18 DE DEZEMBRO ...Eu estava escrevendo. Ela perguntou-me: -Dona Carolina, eu estou neste livro? Deixa eu ver! -Não. Quem vai ler isto é o senhor Audálio Dantas, que vai publicá-lo. -E porque é que eu estou nisto? -Você está aqui por que naquele dia que o Armim brigou com você e começou a bater-te, você saiu correndo nua para a rua Ela não gostou e disse-me: -O que é que a senhora ganha com isto?

Na versão original é interessante destacar que há um trecho do texto que foi retirado na versão publicada, sendo ele: “E as crianças começaram a rir e perguntavam porque é que a bunda das mulheres tem cabêlos?”. Mesmo com a exclusão do excerto não há alteração de sentido no texto, porém são informações que não constam na versão publicada o que afeta a fidelidade prometida pelo editor, sendo notável uma censura por um trecho tão escandaloso. Essa censura demonstra uma percepção frágil que não aceita fatos chocantes sobre a vida da autora.

Quarto de Despejo	
Versão Original	Versão Publicada (revisada)
19 de Dezembro de 1958 Amanheci com dór de barriga e vomitando. Doente. E sem ter nada para comer. Eu mandei o João ir no ferro velho vender um pouco de estôpa e uns ferrós. Ele ganhou 23. Percebi havia melhorado. Sentei na cama e comecei a catar as pulgas. As ideias da morte já ia afastando-se. E eu comecei a fazer planos para o futuro	19 DE DEZEMBRO Amanheci com dor de barriga e vomitando. Doente e sem ter nada para comer. Eu mandei o João no ferro velho vender um pouco de estopa e uns ferros. Ele ganhou 23 cruzeiros. Não dava nem para fazer uma sopa. (...) Que suplício adoecer aqui na favela! Pensei: hoje é o meu ultimo dia em cima da terra. ...Percebi que havia melhorado. Sentei na cama e comecei catar pulgas. A idéia da morte já ia se afastando. E eu comecei a fazer planos para o futuro.

É possível observar na versão publicada que ao decorrer do texto há uma frase que não aparece na versão original. “Que suplício adoecer aqui na favela! Pensei: hoje é o meu último dia em cima da terra.”, ao observar que essa frase foi colocada para trazer uma reflexão do leitor ao expressar a realidade dura das pessoas que residem nas “favelas”, isso traz uma carga vitimista para a autora, não fazendo juz à sua escrita tão direta e intensa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, procurou-se analisar as variações textuais entre o manuscrito e o livro, com o objetivo de compreender o nível de alterações que essa obra literária adquiriu ao longo do tempo. Percebe-se ainda que os editores seguiram de modo extremamente fiel ao transcrevê-lo, pois as mudanças mais perceptíveis foram algumas correções gramaticais e cortes, selecionando os trechos mais significativos. Além disso, foi possível notar como as pessoas “faveladas”, sobreviviam no período do governo do presidente Juscelino Kubitschek, sendo um tempo cuja a realidade relatada é amarga, violenta, repleta de miséria e fome. Devido à falta de recursos para encontrar outras variações do texto, existiram algumas limitações que impossibilitaram a compreensão mais aprofundada do assunto, devido a baixa escolaridade da autora.

Entretanto, mesmo não possuindo um conhecimento amplo da norma culta da língua portuguesa, a escritora conseguiu transmitir seus sentimentos e sua realidade de forma clara. Após o estudo, ainda surgem questionamentos sobre a existência de mais

alterações significativas em seus manuscritos, que não são expostas nos escritos. Esses detalhes são cruciais para perceber a falta de sensibilidade do editor, o que claramente só foi responsável pela norma culta padrão da escrita e não pelas palavras da autora. Isso também incapacita os leitores, pois qualquer mudança poderá evocar uma visão diferente do receptor. Dito isso, a animosidade fica entre as linhas modificadas de *Quarto de Despejo*, de Maria Carolina de Jesus, um pensamento ressentido sobre a versão publicada e vendida às pessoas. Em suma, verificou-se que a forma como os textos foram escritos se diferem bastante, pois a maneira de relatar o cotidiano, se distingue, em muitos aspectos, da publicação final.

Portanto, espera-se que através deste estudo, a escrita de Carolina Maria de Jesus seja vista como um depoimento de grande importância para a literatura e a memória social do Brasil, pois rompe com os padrões tradicionais ao dar voz a uma mulher negra, pobre e moradora de “favela” com um perfil historicamente silenciado. Seus relatos, marcados pela honestidade crua e pela linguagem própria do cotidiano periférico, documentam com sensibilidade e força a desigualdade, a fome e a luta pela sobrevivência. Mais do que registros pessoais, seus textos assumem um papel de denúncia social e de resistência, oferecendo uma perspectiva única sobre o Brasil marginalizado. Ao transformar sua experiência de exclusão em literatura, Carolina reafirma o poder da palavra como ferramenta de empoderamento e transformação.

REFERÊNCIAS

BASSETTO, Bruno Fregni. **Conceito de filologia**. USP, p. 1–22, [S.d.]. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/revista/12/06.pdf>>. Acesso em: 05 maio 2025.

FERREIRA DE SOUZA BATISTA, F.; APARECIDA DA SILVA, C.; MARIA DA SILVA, A.; CARNEIRO FREITAS FILHO, A. **As relações entre espaço e maternidade em Quarto de despejo**: diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus. Ideação, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 275–291, 2023. DOI: 10.48075/ri.v25i2.30636. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/30636>>. Acesso em: 28 fev. 2025.

FLANDOLI, Beatriz; SILVA, Ana Maria. **A Escrita Criativa**: instrumento de desenvolvimento de funções mentais e de compreensão e aceitação de/entre culturas fronteiriças. *GeoPantanal*, p. 59–68, 2014.

FRANÇA, Daniela. **Carolina Maria de Jesus: um Brasil para os brasileiros - Textos da exposição.** Disponível em: <<https://ims.com.br/2022/02/01/carolina-maria-de-jesus-um-brasil-para-os-brasileiros-textos-da-exposicao/>>. Acesso em: 31 mar 2025.

FRAZÃO, Dilva. Carolina Maria de Jesus. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/carolina_maria_de_jesus/>. Acesso em: 31 mar 2025.

JESUS, Carolina Maria de. **Biografia.** Disponível em: <<https://carolinamariadejesus.ims.com.br/biografia/>>. Acesso em: 31 mar. 2025.

JESUS, Carolina Maria de. **Biografia e obras.** Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/literatura/carolina-maria-jesus.htm>>. Acesso em: 31 mar. 2025.

JESUS, Carolina. M. **Quarto de Despejo:** diário de uma favelada. 10 ed. São Paulo: Ática, 2018. 200 p.

JESUS, Carolina M. **Quarto de Despejo:** diário de uma favelada. Edição comemorativa (1960-2020). São Paulo: Ática, 2020. 263 p.

QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. A Filologia e a Documentação Manuscrita. **Revista da Associação Brasileira de Filologia**, n. 32, p. 15–26, 2008. Rio de Janeiro: CIFEFiL – Centro Interdisciplinar de Filologia da UERJ. Disponível em: <<https://www.filologia.org.br/revista/32/02.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2025.

RAMOS, Jayme A. **Quarto de despejo.** Disponível em: <<https://historiasdopari.wordpress.com/2014/11/20/quarto-de-despejo-2/>>. Acesso em: 28 fev. 2025.

SANTOS, Adna Evangelista Couto dos. O processo criativo de Aleilton Fonseca em *Nhô Guimarães*: edição genética e estudo crítico. **Tese** (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura – Universidade Federal da Bahia, Letras/Ondina, Salvador, 2018. 217f.